

Limiares ou mudanças anunciadas em Apolónio de Rodes

Thresholds or changes announced in Apollonius of Rhodes

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA¹ (CEC-ULisboa / CECH-UC; Universidade de Lisboa — Portugal)

Abstract: The term οὐδός, "threshold", turns up, as a Homeric legacy, in *Argonautica* by Apollonius of Rhodes. Occurring five times, it is a favoured site for diegetic change, signalling the end of Phineus's curse and the success of the mission carried out by the Argonauts. Its symbolic dimension hinges on the possibility of intersecting different plans, allowing the association of Phineus and Medea, thereby establishing a subtle interpretive link that casts an ominous shadow on the young couple's love.

Keywords: threshold; diegetic change; Phineus; Medea; curse.

O termo que, em grego, significa “limiar” ou “soleira”, οὐδός, surge, nos Poemas Homéricos e em Hesíodo, ora como lugar, com o sentido de “soleira polida” (*Od.* 18.33; 22.72), “soleira de bronze” (*Il.* 8.15; Hes. *Th.* 811), “soleira do pátio” (*Od.* 1.104), ora como tempo que precede a morte, complementando-se neste caso com o substantivo “velhice” em genitivo (*Il.* 22.60; *Od.* 15.348; Hes. *Op.* 331)².

O termo οὐδός encontra-se na epopeia de Apolónio de Rodes em cinco momentos (2.203, 428; 3.219, 280, 647), herdeiros dos contextos homéricos em que se explora apenas a noção de espaço. A grande diferença em relação à fonte homérica consiste na constante associação deste vocábulo a uma mudança. Com efeito, o poeta, como veremos, explora, de várias formas, a simbologia deste lugar de transição.

A primeira ocorrência do vocábulo verifica-se no episódio de Fineu, personagem que os Argonautas encontram na viagem de ida para a Cólquida³. Por ter revelado aos homens os desígnios dos deuses, Zeus cegara-o

Texto recebido em 21.09.2020 e aceite para publicação em 20.12.2020.

¹ alexandra.a.sousa@sapo.pt; orcid.org/ 0000-0001-6515-1668.

² Sobre a etimologia do termo cf. CHANTRAINE (1999) 836.

³ A localização desta terra tem sido objecto de controvérsia. Durante muito tempo pensou-se que este local seria a Bitínia, como defende e explica DELAGE (1930) 123-124. Mas a opinião mais comumente aceite, depois dos trabalhos de Wendel e Fränkel, como refere VIAN (2002) 130-1, é a de que o poeta helenístico distingue a Bitínia asiática da europeia Tínia, na qual coloca Fineu.

e dera-lhe uma velhice duradoura, fazendo, além disso, recair sobre ele a maldição das Harpias, que o impediam de se alimentar. Mas Fineu conhecia a profecia divina, segundo a qual seria liberto da sua abominável fome. Por isso, quando ouviu “claramente a voz do grupo dos heróis”, sabia que havia chegado ao fim a sua provação (2.194-196). Saiu então do interior da sua casa e deteve-se na soleira do pátio, não conseguindo ir mais além devido à debilidade física em que se encontrava (2.202-203)⁴. O lugar onde a personagem estaca adquire especial simbologia, pois sabemos que Fineu espera a chegada de quem o vai libertar. Repare-se que o narrador não refere simplesmente o pátio, o qual seria já um lugar de transição; Fineu está na soleira, o que o coloca na iminência de uma mudança. Sentado aí, sabendo o que sabe, a personagem encontra-se no limiar da expectativa da libertação da dor. Tem uma atitude passiva porque serão os recém-chegados que o libertarão.

Neste mesmo episódio o limiar volta a ser referido quando, depois de vencerem as Harpias, Zetes e Calais, vindos do céu, pousam os pés na soleira da grande sala para contar aos companheiros e a Fineu a perseguição e a luta que com aquelas haviam travado (2.427-428). Estamos no interior da casa, na sala onde tivera lugar o banquete dado em honra dos Argonautas, que esperavam, já saciados, os companheiros (2.307-308). Neste momento explora-se a lógica espacial vertical, uma vez que os jovens descem do céu, devendo, portanto, entrar pela abertura do pórtico: naquele momento a maldição e o fim da mesma são dados a conhecer num lugar de transição entre superior e inferior, símbolo da conciliação dos dois planos.

Na terceira ocorrência do termo *οὐδός* Eros franqueia uma soleira no palácio de Eetes para desferir sobre Medeia a seta do amor (3.280)⁵. Este passo tem a importância de colocar o termo “limiar” na viragem diegética da se-

⁴ Há estudiosos que consideram que Fineu apresenta a sintomatologia da *καταφρογή* referida nos tratados médicos. Cf. HUNTER (1993) 91, n. 81.

⁵ Como explica THALMANN (2011) 137, n. 64, os estudiosos hesitam quanto à localização precisa de Eros neste passo: “a vestibule within the house’s outside gate (...) or a columned porch in front of it”. Neste último caso o limiar transposto levaria o deus à sala principal, onde ainda estariam a decorrer os preparativos para a refeição. O facto de, só depois de desferida a seta, haver alusão aos escravos que dispunham os alimentos (3.299) leva o estudioso a optar pela primeira hipótese, que é também a de VIAN (2009) 121.

gunda metade do poema, ficando, assim, em relação estreita este lugar de transição e a superação das provas impostas por Eetes, exequível graças ao amor de Medeia. Estamos, em suma, no limiar do sucesso da missão. No livro III, esta ocorrência está estrategicamente situada entre outras duas: uma em que as personagens implicadas são Jasão e alguns Argonautas, que se dirigem ao palácio do rei, e uma outra em que Medeia, recolhida no seu quarto, anseia por ir ter com a sua irmã Calcíope.

Sendo possível ver no poema uma estrutura bipartida, livros I e II, por um lado, e livros III e IV, por outro, com correspondências lexicais a sublinhar a equivalência entre personagens e episódios⁶, não será por acaso que se encontram no livro III as restantes ocorrências do termo. Depois de uma mudança na sorte de Fineu, as personagens chave — Jasão, o impulsor da viagem, e Medeia, a jovem que torna possível o êxito da missão⁷ —vão, elas próprias, sentir viragens decisivas. São duas as inflexões que ocorrem: uma quando Eetes impõe ao Esónida as deletérias provas; outra quando Medeia vence o pudor que a impedia de se entregar ao amor pelo grego.

À chegada a Ea, Jasão, Télamon, Augias e os filhos de Frixo encaminham-se, esperançosos, para o palácio e franqueiam com tranquilidade a soleira do pátio (3.219). Mas revelar-se-á baldada a expectativa que podiam sentir por terem sido escolhidos os netos do rei para constituírem a embaixada. A soleira transposta simboliza uma viragem que as personagens ainda desconhecem. No diálogo com Eetes, Jasão perceberá a inviabilidade da via diplomática⁸. Em lugar do velo, recebe a incumbência de provas que reconhece desmedidas e que, por isso, lhe provocam uma sensação de impotência (3.424-425). A viragem anunciada neste limiar é a do provável insucesso da missão.

Estrategicamente este passo sucede-se àquele em que Eros arremessa a flecha de amor sobre Medeia. Assim, Jasão toma conhecimento de que estaria no limiar da morte, numa altura em que se encontra também, embora não

⁶ Cf. SOUSA (2013b) sobre a relevância dos termos do prómio do livro IV da *Argonáutica*.

⁷ De facto, como diz HUNTER (1987) 132, Medeia “alone holds the key to success”.

⁸ A brandura, *μειλιχίη*, que define a via diplomática pela qual estes heróis optam foi objecto de análise num estudo que fizemos intitulado “As palavras no mundo heróico na epopeia alexandrina”, o qual aguarda publicação.

saiba, no limiar do amor que o salvará, a ele e à missão. Na verdade, nesta altura o narrador já havia dito que Medeia se consumia de amor (3.286-287). À saída do palácio, não se mencionam mais as soleiras franqueadas, pois o termo já cumpriu a sua função: anunciar a mudança introduzida pela ordem de Eetes, no momento da chegada.

A derradeira soleira associa-se à mudança seguinte. O termo surge a propósito da ansiedade sentida pela jovem princesa que queria ir ao quarto de Calcíope, pois tinha a esperança de que esta, preocupada com os filhos, lhe pedisse ajuda. Neste momento, Medeia sai do quarto e entra no vestibulo, o πρόδομος, aposento onde dormiriam as suas escravas (3.646-647). Mas estaca e volta para trás, repetindo este movimento três vezes, até que se lança sobre o leito, onde se enovela (3.651-655)⁹. O limiar representa a dificuldade em deixar a irmã perceber os seus sentimentos pelo chefe da expedição. Esta percepção é apenas uma etapa na nova inflexão que se anuncia: a passagem, para Jasão, do limiar da morte para o limiar do sucesso; para Medeia, do limiar de uma vida recatada na Cólquida, junto dos seus pais, para o limiar do desconhecido, em terras gregas. A divisão intermédia como que prepara a transição que se aproxima¹⁰. Tal como Jasão percebe que tinha de aceitar as provas de Eetes, Medeia percebe que tinha de vencer o pudor virginal que a tolhia (3.682). Por isso, quando Calcíope entra no seu quarto, a afasia ainda a domina, mas logo a princesa se mostra capaz de assumir uma iniciativa, tor-

⁹ VIAN (2009) 130 considera a lição ἄμειψεν mais adequada do que o infinitivo ἀμειψαι, escolhido por FRÄNKEL (1988) 138 e seguido por HUNTER (1989) 167. Com o infinitivo, que estaria sintacticamente dependente da forma verbal λελίπητο, a personagem ainda não teria franqueado a soleira. Se aceitarmos a explicação de Vian, segundo a qual οὐδὸς ligaria o θάλαμος, “quarto”, ao πρόδομος, “vestibulo”, Medeia ao estacar no vestibulo já teria naturalmente transposto a soleira. Neste caso o infinitivo não faria sentido, como defende Vian. A opção por ἀμειψαι, seguida por Fränkel e por Hunter, deriva da ideia de que este limiar ligaria o vestibulo do quarto ao pátio para onde davam os quartos das duas princesas.

¹⁰ Para HUNTER (1989) 167 o vestibulo é símbolo do “secure and chaste world of the young girl” e, por isso, acrescentaríamos, adequado à aporia experimentada pela personagem. THALMANN (2011) 138, no estudo que faz sobre o espaço no poema, não realça a importância do vestibulo, interpretando o quarto de Medeia, no seu conjunto, como “the expression of her innocence and sense of modesty”. No entanto, no seu comentário ao passo 3.278 do poema (2011) 137, n. 64, considera que πρόδομος em 3.647 “is an enclosed space like a vestibule”.

nando o pudor dolo — o dolo de dar a entender à irmã que a move apenas o cuidado com os sobrinhos, ou seja, com os filhos de Calcíope.

Fineu e Medeia estão ambos sobre um limiar, embora o primeiro seja passivo, alvo da viragem da sorte, e a segunda só aparentemente é passiva. Com efeito, apesar de se deslocar sem sair do sítio, num movimento repetitivo continuado, reflexo da angústia da transição iminente, Medeia transpõe a soleira do quarto quando entra no vestíbulo¹¹. Fica assim garantida a viragem, simbolizada numa atitude que apresenta a personagem como agente da mudança. Em suma, no caso de Fineu, temos uma mudança esperada, no de Medeia, uma mudança receada.

A própria passividade de Fineu sentado na soleira do pátio, depois de a custo se ter erguido da cama, tem, de certo modo, paralelo na prostração de Medeia no leito, após ter andado para a frente e para trás. Fineu e Medeia estão, portanto, ligados pelo limiar da mudança.

Um outro termo, com apenas duas ocorrências no poema une estas duas personagens aparentemente antitéticas — um homem idoso, debilitado por uma maldição, e uma jovem, na flor da idade, consumida pelo amor —: ἄψος, “membro” (2.199-200; 3.674-676¹²). O vocábulo é usado três versos antes de se mencionar o limiar e serve para descrever a debilidade física de Fineu e a dificuldade com que saíra da cama e se dirigira ao pátio. No livro III Calcíope, ao chegar ao quarto de Medeia, refere a astenia desta e interroga-a se teria sido uma doença enviada pelos deuses a invadir-lhe os membros e a obrigá-la a deitar-se. Esta hipótese de a fraqueza física ter origem divina reforça o paralelo entre Medeia e Fineu. Para este fora a maldição de Zeus;

¹¹ Se considerarmos que o termo limiar anuncia uma mudança e que há relação entre este e quem o transpõe, não há dúvida de que Medeia é quem realiza essa acção; de facto, ela operará a viragem diegética. Para THALMANN (2011) 138, a transposição do limiar em 3.647 é simbólica, mas quem a realiza, em sua opinião, é Calcíope, quando entra. Claro que esta, para entrar no quarto da irmã tem de franquear a entrada, mas repare-se que o termo οὐδός neste passo não surge para descrever o acto de Calcíope, mas o de Medeia.

¹² RENGAOS (2001) 202 comenta a acepção do vocábulo ἄψος nestes dois passos do poema, que verifica ser coincidente e ligeiramente distinta da que Aristarco propõe no seu comentário a *Od.* 4.794. No entanto, o estudioso não desenvolve qualquer linha interpretativa que aproxime Medeia e Fineu, pois o seu objectivo é exclusivamente filológico.

para aquela a seta de Eros, fruto da decisão de Hera. O léxico cria a linha interpretativa que une estas duas personagens.

Lembremos ainda os contributos de Fineu e de Medeia para o sucesso da missão: o primeiro com as profecias que facilitam chegar à Cólquida (2.1051, 1090, 1135) e até regressar à Hélade (3.549-5450, 555-556, 943); a segunda ajuda-os com os seus recursos sobrenaturais, nomeadamente os unguentos que tornam Jasão invulnerável aos touros (3.1042-1049) e os cânticos que adormecem a serpente que guarda o velo (4.156-159) e prostram o gigante Talos (4.1668-1670)¹³.

Esta estreita relação entre Fineu e Medeia permite lançar sobre o amor desta com o Esónida um mau agouro: Fineu liberta-se de uma maldição, enquanto Medeia, ínsia da sua aziaga sorte futura, como mulher de Jasão, a recebe inopinadamente. Paira, portanto, numa linha de leitura imperceptível, um mau agouro sobre o futuro do jovem casal. Lembremos, aliás, que, ao saber que Aquiles desposará Medeia no reino de Hades (4.811-814), o leitor percebe que a colca não encontrará na relação com Jasão a idílica felicidade¹⁴.

Em conclusão, limiares são, na *Argonáutica*, sempre anúncio de mudança. Para Fineu é o fim da maldição. Neste caso, a soleira aparece como lugar de espera (Fineu no pátio) e de anúncio da mudança operada (Zetes e Calais). Para Jasão é a certeza do fracasso da missão (primeira viragem que não chega a ocorrer), que se transforma em sucesso com a soleira transposta por Medeia. Para Medeia é o início de uma maldição.

¹³ Para JACKSON (1993) 20 a influência de Fineu sobre os Argonautas faz-se sentir até ao momento em que Jasão mata, seguindo o plano de Medeia, Absirto, mostrando desrespeito pela *themis*, que até aí tinha salvaguardado, de acordo com os conselhos de Fineu. HUNTER (1993) 93-95 também considera que o papel de Fineu no poema se orienta no sentido de avisar Jasão e os companheiros a não infringirem as leis divinas. Acerca do assassinio de Absirto cf. SOUSA (2013a).

¹⁴ HUNTER (1987) 133 interpreta como indício de fracasso matrimonial a alusão ao futuro casamento de Medeia nos Campos Elísios; prenúncio da traição de Jasão, e consequente abandono de Medeia, o símile da fiandeira viúva (4.1061-1065). Este mesmo estudioso (1993) 51 também defende que a referência feita por Jasão a Ariadne, no seu discurso, é uma forma de avisar o leitor de que o Esónida não tomará consciência da sua dívida para com Medeia.

O termo *οὐδόζ* é mais uma das palavras que nos permite comprovar o minucioso cuidado com que Apolónio construiu o seu poema. É mais um dos inúmeros *leitmotiven* que percorrem a epopeia, criando conexões que enriquecem a compreensão da obra.

Referências bibliográficas

- CHANTRAINE, P. (1999), *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris, Klincksieck.
- DELAGE, E. (1930), *La géographie dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes*. Bordeaux, Feret et Fils, éditeurs, Paris, Klincksieck, De Boccard.
- FRÄNKEL, H. (1988⁶), *Apollonii Rhodii Argonautica*. Oxford, Classical Texts.
- HUNTER, R. (1987), "Medea's Flight: the fourth book of the *Argonautica*": *Classical Quarterly* 37, 129-139.
- HUNTER, R. (1989), *Apollonius of Rhodes Argonautica. Book III*. Cambridge, University Press.
- HUNTER, R. (1993), *The Argonautica of Apollonius: Literary Studies*. Cambridge, University Press.
- JACKSON, S. (1993), *Creative Selectivity in Apollonius' Argonautica*. Amsterdam, Adolf M. Hakkert.
- RENGAKOS, A. (2001), "Apollonius Rhodius as a Homeric Scholar": T. PAPANGHELIS e A. RENGAKOS (eds) (2001), *A Companion to Apollonius Rhodius*, Leiden, Boston, Köln, Brill, 193-216.
- SOUSA, A. A. (2013a), "Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos": M. C. PIMENTEL e P. F. ALBERTO (coords) (2013), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 133-141.
- SOUSA, A. A. (2013b), "A Metamorfose de Medeia na Argonáutica de Apolónio de Rodes": *Aletria: Revista de Estudos de Literatura* 23.1, 73-82.
- THALMANN, W. (2011), *Apollonius of Rhodes and the Spaces of Hellenism*. Oxford, University Press.
- VIAN, F. (2002), *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant I-II*. Tome I, 3^a ed. Paris, Les Belles Lettres.
- VIAN, F. (2009), *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant III*. Tome II, 3^a ed., Paris, Les Belles Lettres.

Resumo: O termo οὐδός, “limiar”, surge, como herança homérica, na *Argonáutica*, de Apolónio de Rodes. Com cinco ocorrências, ele é o lugar privilegiado das mudanças diegéticas: o fim da maldição para Fineu e o sucesso da missão para os Argonautas. A sua exploração simbólica tira partido de nele se intersectarem diferentes planos e de permitir associar Fineu e Medeia, criando uma linha interpretativa subtil, que lança sobre os amores do jovem casal um mau presságio.

Palavras-chave: Limiar; mudanças diegéticas; Fineu; Medeia; maldição.

Resumen: El término οὐδός, “umbral”, aparece en las *Argonáuticas* de Apolonio de Rodas como una herencia homérica. Con cinco ocurrencias, es lugar de privilegio para los cambios diegéticos: el fin de la maldición para Fineo y el éxito de la misión para los Argonautas. Su aprovechamiento simbólico saca partido de producir en él la intersección de planos diferentes y permitir que se asocien Fineo y Medea, creando así una línea sutil de interpretación que proyecta un mal presagio sobre los amores de la joven pareja.

Palabras clave: Umbral; cambios diegéticos; Fineo; Medea; maldición.

Résumé : Le terme οὐδός, “seuil”, apparaît comme un héritage homérique dans les *Argonautiques*, d'Apollonius de Rhodes. Les cinq occurrences du terme en font un lieu privilégié des changements diégétiques : la fin de la malédiction pour Phinée et le succès de la mission pour les Argonautes. Explorer sa dimension symbolique conduit à tirer parti des différents plans que ce terme concentre et permet d'associer Phinée et Médée, créant ainsi une ligne interprétative subtile qui lance un mauvais présage sur l'amour du jeune couple.

Mots-clés : Seuil ; changements diégétiques ; Phinée ; Médée ; malédiction .